

Atlas eleitoral revela fragilidades do PT

■ Para Bolívar Lamounier, levantamento confirma a falta de estrutura do partido em regiões pouco industrializadas e rejeição a Lula

JOSÉ MARIA MAYRINK *

SÃO PAULO – A fragilidade de organização partidária e a rejeição ao PT explicam a derrota de Luiz Inácio Lula da Silva para Fernando Collor em 1989 e para Fernando Henrique em 1994 nas regiões menos alfabetizadas e de maior desigualdade social, disse o cientista político Bolívar Lamounier, diretor do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Idesp). O que ocorreu nessas duas eleições presidenciais, afirmou, não representa novidade em relação aos últimos 20 anos.

“Os mapas do estudo divulgado no domingo pelo **JORNAL DO BRASIL** comprovam que os estados têm aparelhos partidários mais eficazes que o símbolo isolado do PT, muito forte nos centros industrializados e entre os funcionários públicos das capitais, incluindo Brasília”, afirmou Lamounier, ao analisar o Atlas

Eleitoral do Brasil, organizado com base em informações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Censo Demográfico de 1991, do IBGE.

Lula sabe muito bem disso, observou Lamounier, e por essa razão tem repetido que o PT sozinho não elege ninguém. Ao fazer essa advertência, acrescentou o diretor do Idesp, o candidato petista reconhece a influência e o poder de fogo que têm os aparelhos eleitorais de cada estado. Exemplos dessa força são a organização do PFL no Nordeste e o prestígio de políticos como Itamar Franco e Hélio Garcia, em Minas Gerais.

Resistência – “A vitória de Collor em 1989 e a de Fernando Henrique em 1994 foram consequência da resistência ao nome de Lula e à falta de estrutura do PT e de seus aliados de esquerda nas regiões menos industrializadas e menos alfabetizadas”, insistiu Lamounier.

O presidente nacional do PT, José

Dirceu, reconhece a deficiência do partido nas regiões mais pobres do país, mas ressalta que o PT vem mudando de postura desde as eleições de 1996, principalmente no Nordeste. “As informações do atlas não são novidade para o Partido dos Trabalhadores, mas a luta para avançar nos grotões do país é enorme, principalmente nas áreas dominadas pelo PFL”, disse. Segundo Dirceu, o maior adversário é a “máquina clientelista” comandada pelo partidos ligados ao governo.

“Mesmo assim temos conseguido ampliar nossos espaços na região. Em 1996, disputamos a prefeituras em Maceió, Aracaju e Natal”, afirmou Dirceu, que adiantou que o PT vem se estruturando no Nordeste, onde já conta com mais de 3 mil diretórios. “Temos que mudar a estratégia de campanha e trabalhar nos locais onde o PT é fraco. Por isso este atlas é de extre-

ma utilidade”, ressaltou Dirceu.

Para Lamounier, é arriscado afirmar que Lula teve os “votos esclarecidos” das cidades industriais, enquanto Collor e Fernando Henrique foram eleitos com o apoio dos “grotões” – como conclui o cientista político César Romero Jacob, um dos responsáveis pelo trabalho. Essa classificação não tem nenhuma consistência, advertiu Lamounier, porque o cidadão brasileiro é o mesmo em todas as regiões do país.

“Se não fosse assim, São Paulo não teria eleito Jânio Quadros e Orestes Quércia”, argumentou o cientista político, para quem a vitória desses dois políticos para o governo do estado foi de “duvidosa racionalidade”. Opinião parecida tem o cientista político Rogério Schmitt, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). Segundo ele, qualquer declaração desse tipo é “prematura”, sem antes

comparar os dados do mapa com pesquisas de opinião pública.

“Dizer que regiões predominantemente industriais, como Volta Redonda, votaram em Lula somente com dados da geografia eleitoral não significa necessariamente que foram os operários que votaram no candidato. Para isto, é preciso ampliar a análise, partindo para uma pesquisa de opinião pública”, acredita Schmitt, que, no entanto, elogiou o trabalho. “Sem dúvida, enriqueceu o conhecimento da ciência política no Brasil.”

Lamounier também ficou entusiasmado com a precisão e com a riqueza do estudo, embora não tenha ficado surpreso com os resultados. Autor de um levantamento semelhante feito em parceria com Fernando Henrique Cardoso – *Partidos e eleições em São Paulo*, uma espécie de geografia eleitoral da Arena e do MDB em 1974 –, o cientista político prevê que a pesquisa será de grande

valia para o planejamento das próximas eleições.

“Quem usar bem o atlas poderá fazer uma boa campanha eleitoral”, disse Lamounier, prevendo bom proveito para os marqueteiros de todos os candidatos. Segundo ele, o estudo permite uma visão de conjunto e dá mais velocidade ao exame dos dados, graças aos recursos modernos da informática. “Em comparação com esse Atlas Eleitoral, o levantamento que fiz com Fernando Henrique 20 anos atrás era tecnologicamente tosco”, observou o diretor do Idesp.

Armando Corrêa, sócio de um dos magos do marketing político brasileiro, o publicitário Duda Mendonça, concorda. “O trabalho é uma importante ferramenta para o marketing de campanha. Certamente, vou comprar um para mim”, disse.

* Colaborou Murilo Fiuza de Melo